



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ENTRE CORES, LINHAS E MOVIMENTOS: A ARTE AFRICANA NA SALA DE AULA

Ana Rita da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. E-mail: hana.arte2@gmail.com

Resumo: Este texto tem o objetivo de comunicar uma experiência desenvolvida com alunos do ensino médio, a partir de um projeto de ensino intitulado Educação para as Relações Étnico-Raciais. O projeto foi realizado em integração com várias disciplinas, entre as quais a Arte, cuja proposta de ensino envolveu o acesso, as discussões, interpretações e ressignificações dos elementos simbólicos inerentes às culturas africanas, com seus coloridos, formas e movimentos peculiares. A disciplina Arte buscou promover a compreensão crítica das produções artísticas, especialmente a pintura africana, visando o conhecimento e o reconhecimento de alguns de seus aspectos estéticos e culturais, levando em conta que o conhecimento acerca das diferentes expressões artísticas amplia visões de mundo e desfaz preconceitos em torno de manifestações culturais consideradas diferentes. As atividades realizadas pelos alunos envolveram a leitura de imagens de arte africana e afro-brasileira, a produção de trabalhos artísticos inspirados na estética africana e a vivência cultural africana *Ojó Odé*, no Espaço Cultural Vila Esperança, na Cidade de Goiás. Concluímos, nessa experiência, sobre a importância de um processo de ensino focado na diversidade, na ampliação da educação estética nas escolas para além da arte europeia, masculina e branca, que tradicionalmente orientou o ensino de arte nas escolas e na compreensão da arte como produção simbólica, sem estabelecer juízo de valor que faça distinção entre os significados das diversas culturas.

Palavras-chave: Ensino de arte, Diversidade, Educação étnico-racial.

1. Introdução

O presente texto apresenta discussões acerca de um projeto de ensino desenvolvido no Núcleo de Estudo e Pesquisas Transdisciplinares do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Cidade de Goiás. Inserida no núcleo, a Arte/Educação tem como objetivo desenvolver suas atividades norteadas pela pesquisa, ensino e extensão com vistas a desenvolver estudos, levantamento e produção de materiais aplicados à elaboração do conhecimento específico de arte na educação básica numa perspectiva transdisciplinar.

O projeto de ensino intitulado Educação para as Relações Étnico-Raciais foi desenvolvido de forma integrada às disciplinas História, Geografia, Arte, Educação Física e Língua Portuguesa e objetivou, por meio de ações pedagógicas integradas, levar a História da África e cultura afro-brasileira ao âmbito da sala de aula, ampliando a perspectiva curricular dos cursos ofertados pela instituição no ensino técnico integrado ao nível médio. Mediante o reconhecimento da diversidade étnico-racial africana,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conforme a Lei 10.639/03, o esforço para a realização dessa proposta refletiu a preocupação e o comprometimento dos professores com a valorização da diversidade cultural, das identidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e de segmentos étnicos da sociedade brasileira, assim como o combate ao racismo e ao preconceito no âmbito escolar e na sociedade.

O ensino de arte na escola é marcado por uma prática que prioriza a produção artística branca, masculina e europeia, ressaltando ‘grandes gênios’ da história da arte em detrimento de uma visão antropológica da arte e da cultura, ou seja, que traga para os projetos de ensino as diferentes culturas e seus significados locais, cujos valores são objetivados nas produções artísticas. Ao reconhecer essa realidade, elaboramos um projeto de ensino voltado para a compreensão crítica, produção e contextualização cultural de imagens/objetos de arte como representações africanas, assim como imagens/objetos de arte produzidos por afro-brasileiros e artistas que são influenciados pela estética africana.

Mason (1999, p. 09) afirma que a existência de um currículo não resistente ao cânone ocidental de arte, instrui os alunos a serem que a arte produzida de acordo com os padrões europeus é o ‘tipo certo’ de arte, e é sempre o produto individual e masculino de um gênio. São também consideradas mais legítimas as modalidades artísticas tradicionais, como a pintura, a escultura, a arquitetura monumental, o que leva a excluir outras modalidades, tipos, contextos e autorias artísticas.

Com esta concepção, que muitas vezes permeia a prática dos professores em sala de aula, os estudantes são levados a acreditar que seus trabalhos devem ser julgados conforme esses padrões, o que os deixa intimidados a desenvolverem seus processos criativos com mais liberdade e autonomia. Ainda mais, ignora-se o verdadeiro sentido da arte ao se delimitar a criação artística a cânones europeus, ou clássicos, esquecendo-se de que essa arte representa a manifestação de uma cultura que está situada num lugar e tempo, condicionada ao movimento histórico de mudanças e impermanências, assim como as diversas culturas existentes no mundo.

Outro ponto a ressaltar é que o professor se vê, muitas vezes, condicionado aos livros didáticos ou da história da arte que frequentemente trazem uma versão da história limitada ao que foi sistematizado com base em versões legitimadas pela cultura ocidental, que historicamente deteve o poder de selecionar os recortes que, sob sua ótica, foram considerados mais relevantes. Isto obriga o professor, quando não acomodado a esses conteúdos já



sistematizados, a pesquisar conteúdos e desenvolver seus próprios métodos de ensino para garantir aos estudantes o acesso crítico e interpretativo aos bens simbólicos de uma forma mais abrangente e democrática. Nesta perspectiva, Blauth (2007, p. 42) alerta:

[...] o que percebemos nas propostas do ensino da arte é uma certa ênfase em conceitos estéticos que privilegiam estruturas e delimitações a partir de um conhecimento erudito, desconsiderando os valores culturais específicos que perpassam os campos diversificados das ações e produções artísticas. Um dos desafios talvez seja a busca de meios e saberes que vislumbrem a decodificação e o reconhecimento dos significados, tanto nas produções estéticas consideradas eruditas como nas produções estéticas populares.

Historicamente os conhecimentos referentes ao continente africano foram negados ou ignorados dentro do currículo, evidência disto é que a história da arte africana não aparece nos livros de história da arte ou aparecem de forma bastante aligeirada. Essa realidade nos fez perceber a responsabilidade de tratar dessa tarefa, sem cair em reducionismos prejudiciais. Nesta direção, Blauth (2007, p. 43) assegura que “não se trata de considerar o que é bom ou ruim nas produções [...], porém de levar em conta que o conhecimento acerca das diferentes expressões estéticas podem ser enriquecidas mutuamente”. Não se trata, portanto, de estabelecer juízos de valor ou comparações entre a arte das diferentes manifestações culturais, mas sim de conhecer a expressão do outro, reconhecendo as diferenças nas diferentes formas de expressão.

O projeto de ensino do qual resultam estas reflexões, procurou justamente isto: extrapolar as versões prontas da história da arte e buscar outros significados e sentidos nas produções simbólicas da humanidade, fazendo emergir das cores, linhas e movimento da arte africana, o frescor de interpretações novas, não contaminadas pelo excesso de leituras condicionantes e preconcebidas.

Para encaminhar as reflexões, o presente trabalho está organizado nos seguintes tópicos, que seguem de certo modo uma linearidade narrativa que tem como eixo condutor o desenvolvimento do projeto de ensino desenvolvido com os alunos: 1) *Metodologia: Compreendendo criticamente as representações africanas*, que relata o primeiro contato dos alunos com a imaginária africana, que procuraram desvendar os significados presentes nas cores, formas e movimento das imagens para compreender e aproximar um pouco desse universo estético; 2) *Uma vivência singular: Espaço Cultural Vila Esperança*, que comenta uma vivência dos estudantes com a cultura africana, proporcionada por um espaço que vive concretamente seus sentidos e significados; 3) *Produzindo a partir da arte africana*, que



apresenta o percurso de criação dos estudantes com base nos conhecimentos já construídos no contato com a arte africana; e, por fim, 4) Resultados: *Produção e exposição das imagens produzidas*, que apresenta o percurso final da experiência educativa com a arte e a cultura africana, apresentando os resultados da experiência educativa por meio das imagens produzidas pelos estudantes.

2. Metodologia: Compreendendo criticamente as representações africanas

Para iniciar o projeto de ensino Educação para as relações étnico-raciais, partimos do princípio de que o principal papel da arte na escola é orientar os estudantes a compreenderem de forma crítica e reflexiva a arte e a cultura, aproximando-se de seus significados por meio das imagens. Ao se colocarem em contato com as imagens historicamente produzidas, mediados pelo(a) professor(a), os alunos entendem as imagens inseridas em um contexto histórico-cultural, permeadas pelas relações de poder, subjetividades, sentidos e significados que lhes dão materialidade. Nessa perspectiva, iniciamos o projeto convidando os estudantes a falarem de seus conhecimentos prévios e experiências com a cultura africana, constatando, sem surpresas, que estes conhecimentos estão eivados de ideias pré-concebidas e equivocadas, sempre situando os significados da África no limite das condições sociais que são veiculadas pela mídia, ou seja, da fome e da miséria que encobrem a sua complexidade e diversidade cultural e simbólica.

Sem negar a dimensão crítica da realidade, procuramos orientar os olhares dos alunos para outro foco, isto é, o da beleza, da diversidade cultural africana, com sua tessitura de cores e formas riquíssimas, sendo que o nosso principal objetivo ao desenvolver o projeto foi positivar os significados, e não reforçar os preconceitos e limitações da realidade africana.

Conforme Hernández (2000), a educação para a compreensão crítica da arte contribui para desmistificar visões sobre a realidade, desenraizar visões que se fixaram sem a devida reflexão, passando a ser tidas como verdades. Ao buscar novas visões sobre a realidade, por meio da compreensão crítica das imagens que são produzidas nos contextos culturais, estabelecem-se liames de compreensão e reconhecimento do outro, noções de identidade, visto que as obras artísticas são mediadoras de significados sobre o tempo e o espaço nos quais emergem e, assim, o seu conhecimento e reconhecimento podem gerar aproximações e simpatias capazes de quebrar as barreiras impostas pelas narrativas oficiais da História.

Com base nesta concepção, passamos a apresentar imagens produzidas por diferentes artistas africanos. Analisando as imagens, procuramos possibilitar aos alunos a compreensão



da estética africana não como uma unidade, mas considerando a sua enorme diversidade de manifestações expressivas. “A essas criações, vindas de centenas de culturas que se dá o nome de “arte africana” — como se fosse uma só!” (SALUM, 2004, [s/p]). Reforçamos os valores emocionais da arte para as comunidades às quais pertencem, com seus saberes e crenças milenares, sem deixar de situar essas produções no tempo, ou seja, as obras não podem ser interpretadas do ponto de vista puramente tradicional: a arte africana é hoje exposta no mundo inteiro, havendo um forte olhar para ela, que já ocupa espaços em bienais e exposições em vários lugares do mundo. Pintores como Picasso e outros representantes do modernismo na arte foram influenciados pela estética africana com propósitos semelhantes ao de qualquer arte contemporânea de caráter internacional. Nesse sentido, a fundação de uma série de museus etnográficos, em diversos países, contribuiu para a eclosão de um notável interesse de artistas e intelectuais europeus pela arte africana.

Outro aspecto ressaltado, considerado durante a atividade de análise das imagens, foi o olhar do colonizador sobre a estética africana, vista como objeto primitivo ou fetiche. Conforme Salum (2004, [s/p]) “Sob o lema “conhecer para melhor dominar”, dizia-se que ela servia a “rituais e sacrifícios selvagens” e que era feita apenas de “ídolos toscos e disformes””. Não obstante, olhares sensíveis em várias partes do mundo foram capazes de perceber a vitalidade pulsante dessa arte, chegando a imitá-la e a fazer dela a inspiração para construir um estilo próprio. A arte africana, conforme Salum (2004, [s/p]),

[...] não é primitiva nem estática. Há peças datadas desde o século V a.C. atestando uma história da arte africana, mesmo que ainda não escrita por palavras. É certo que muitos dados estão irremediavelmente perdidos: objetos foram destruídos, queimados ou fragmentados ao gosto ocidental e moral cristã; ateliês renomados foram extintos e muitas produções interrompidas durante o período colonial na África (1894-c.1960).

Assim, várias imagens foram analisadas e apreciadas junto aos alunos, destacando elementos reveladores da cultura africana para formular interpretações sobre esses elementos. Percebemos que as cores vivas e puras, o movimento, a dança, a musicalidade estão presentes nessa arte. Além das obras africanas, analisamos obras de artistas afro-brasileiros, que desenvolvem uma estética fortemente ligada aos significados africanos, como Djanira da Motta (1914-1979) e Mestre Didi (1917-2013). Destacou-se, nas composições, a harmonia com a natureza e com a espiritualidade, os valores da coletividade, dos laços maternos e afetivos, os valores do trabalho e da busca pela sobrevivência e uma singular estética da beleza. Concluímos principalmente sobre a universalidade da arte africana: não representa os



valores do indivíduo somente; ignora a aparência de um rosto e procura, no rosto anônimo, representar a identidade coletiva.

3. Uma vivência singular: Espaço Cultural Vila Esperança

Dentre as atividades desenvolvidas durante o projeto, tivemos a oportunidade de promover uma vivência cultural africana com os alunos dentro do Espaço Cultural Vila Esperança, localizado na mesma cidade. O Espaço Cultural Vila Esperança é uma associação sem fins lucrativos, criada no ano de 1994, voltada à comunidade, que desenvolve um trabalho educativo e cultural direcionado principalmente a crianças e adolescentes, na valorização das origens do povo brasileiro. Nesse espaço, elegem-se as artes e as culturas como forma de sensibilizar e discutir questões essenciais para a educação humana, de forma prazerosa, lúdica e positiva, inspirada na cultura indígena e africana.

As atividades envolvem as artes cênicas, dança-terapia, artes plásticas, música, literatura, canto e percussão, trabalho com as raízes históricas e culturais do povo brasileiro e afro-latino-americano. O Espaço Cultural Vila Esperança pode ser considerado uma referência social para a comunidade, com uma rica programação de eventos ao longo do ano, como festividades e vivências culturais ligadas aos seus projetos nucleares, como o *Ojó Odé e Porancê Poranga*, o *Projeto Ancestralidade*, o *Afoxé Ayó Delé* e o *Sacyzada*.

Tivemos o primeiro contato com o Espaço Cultural Vila Esperança logo no início da implantação do Campus do IFG Cidade de Goiás, estreitando produtivas relações com essa instituição. Por meio de uma visita ao espaço, nosso grupo recebeu preciosos esclarecimentos sobre a história da Vila, seus significados, valores, seu cotidiano junto à comunidade em geral e às crianças da escola *Pluricultural Odé Kayodê*, que faz parte do projeto, ofertando a educação infantil e a primeira fase do ensino fundamental.

A visita nos deixou encantados com a relevância do Projeto, ao ouvir a pedagoga, que nos apresentou entusiasticamente a Vila e cada um de seus ‘lugares’, como as praças, o Quilombo, a Aldeia, a Escola Pluricultural, a brinquedoteca, entre tantos outros, ricos de simbologia e história, impregnados de vida pela frequência de crianças, jovens e comunidade que ali habitam todos os dias, na maior parte do ano. Em meio aos ornamentos multicoloridos, planejados em cada detalhe, era quase possível visualizar a alegria das crianças, que estavam em férias no momento, por meio do clima de respeito no modo como cada peça era valorizada e preservada, mas com sinais de uso consciente pelas crianças.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Foi possível perceber também as dificuldades para manter o espaço vivo e pulsante, assim como o espírito de doação das pessoas envolvidas, que fazem do projeto da Vila o seu projeto de vida. Deste modo, ficamos inspirados em estabelecer interlocuções institucionais produtivas para ambas as partes, fomentando o projeto de ensino *Educação para as relações étnico-raciais*, por meio do qual seriam proporcionadas vivências culturais aos nossos alunos, especificamente a *Ojó Odé*. Essa vivência é composta de mitos, música, dança, oficinas diversificadas e outras representações que resgatam os significados dessas culturas, passando a fazer parte, deste então, da programação de nosso projeto de ensino.



Figura 1: Alunos em vivência cultural africana *Ojó Odé*



Figura 2: Alunos em vivência cultural africana *Ojó Odé*

A participação dos alunos na vivência *Ojó Odé* possibilitou o contato vivo com a cultura africana, o que consideramos um privilégio dentro da realidade de nossa escola. Ver, saborear, participar dos cantos, dança e oficinas significou um forte momento de apreciação para alunos e professores, pois já não se tratava de uma realidade distante que estava sendo analisada, em nível teórico apenas, mas de uma relação de envolvimento e mergulho no processo de conhecer, vivenciar e compreender. Nas palavras da pedagoga da Vila, “Somos



dependentes da sensibilidade das pessoas, não somente do aspecto cognitivo”. Apaixonada pelo projeto da Vila Esperança, essa pedagoga nos relatou sobre uma criança que, procurando compreender o processo educativo dentro da instituição, dirigiu-lhe a seguinte pergunta: “Professora, a gente é igual por que é diferente?”

4. Resultados: Produção e exposição dos trabalhos artísticos

A partir da leitura e interpretação das imagens africanas e afro-brasileiras, leitura e discussão de textos, e principalmente a vivência *Ojó Odé* chegou o momento de produzir imagens. A abordagem metodológica procurou embasamento na Proposta Triangular¹, que enfatiza três momentos essenciais na aprendizagem da arte, que envolvem o conhecer a imagem, contextualizando-a em suas condições materiais e simbólicas de produção; a interpretação, que pressupõe a interação do espectador com a obra, na compreensão de seus significados e aproximação com a vida desse espectador; a produção ou experimentação artística, que possibilita ao estudante o desenvolvimento de seus processos criativos.

A abordagem não postula, contudo, uma sequência linear de atividades, na ordem aqui colocada, de modo que os alunos tiveram momentos de experimentação no decorrer de todas as etapas e de modo muito significativo durante a vivência *Ojó Odé*, que lhes proporcionou ouvir histórias mitológicas, participar da dança, do canto e de oficinas diversas relacionadas à estética africana.

As imagens produzidas pelos alunos materializaram as experiências vividas no desenvolvimento do projeto, apresentando as características formais e significativas que foram discutidas e interpretadas no contato com as reproduções das imagens artísticas, como os tecidos, as pinturas, as máscaras e outros objetos.



Figura 3: Produção artística dos alunos: Padronagens africanas.

¹ Introduzida no Brasil pela professora Ana Mae Barbosa (1991), denominada inicialmente “Metodologia Triangular” por envolver três vertentes: o fazer artístico, a leitura da imagem e a história da arte.



Figura 4: Produção artística dos alunos: Arte africana.

Em sua culminância, este projeto procurou dar visibilidade às diferentes produções dos alunos em todas as disciplinas envolvidas, por meio de uma mostra, destacando-se o colorido e a diversidade de formas e significados que compõem a riqueza dessa arte, pouco conhecida e pouco explorada nas escolas, mas tão próxima e tão vinculada à realidade de alunos e professores que compõem o cenário escolar, igualmente diverso, rico, pulsante, multicultural.

Acreditamos que o momento de exposição dos trabalhos dos alunos tenha sido capaz de contribuir fortemente para a aprendizagem. Não foi um momento de exibir ou comparar este ou aquele resultado, mas de sintetizar, discutir, apreciar e avaliar o caminho percorrido. A aprendizagem, nesse momento, é ampliada para além dos alunos participantes, porque enriquece o repertório de todos que param para apreciar as produções: professores, gestores, servidores e alunos de outras turmas. Nessa perspectiva, as produções artísticas estavam lá, com o seu colorido, linhas e formas insinuantes de uma riqueza cultural singular, a dos povos africanos.

Conclusão

Ao avaliar os resultados das atividades dos alunos durante o projeto, não somente na disciplina Arte, mas das demais disciplinas, visto que este se tratou de um projeto de ensino multidisciplinar, visualizamos um longo caminho a ser percorrido por todos nós, que fazemos parte da escola e acreditamos na ampliação dos conhecimentos para além das fronteiras



estabelecidas pelas relações de poder que historicamente influenciaram na composição dos currículos.

Ensinar na perspectiva da diversidade exige muito mais do que boa vontade, exige pesquisa, aprofundamento, verticalização dos saberes que somente uma prática planejada, refletida e avaliada em conjunto é capaz de proporcionar. Por se tratar de uma abordagem que atravessa os campos disciplinares, a contribuição de cada área torna-se de inestimável valor para cada professor envolvido, que bebe em várias fontes o conteúdo de suas discussões em sala de aula. Falar de arte não prescinde da literatura, que não prescinde da história, que não prescinde da geografia...

Os desafios enfrentados ainda são enormes, eles se encontram nos valores cristalizados dentro da escola, na configuração do currículo, na organização dos calendários, na burocracia das atividades extraclasse, assim como nas atitudes de alunos e familiares que muitas vezes negam o espaço dessas discussões. Essas resistências impossibilitaram a ida de muitos alunos às vivências, sobretudo por questões religiosas que infelizmente ainda entravam o direito ao ensino laico garantido pela legislação, impondo barreiras ao livre pensamento e à livre construção de intercâmbios culturais plenos de significados e sentidos.

Durante as reflexões estabelecidas entre os nossos pares, percebemos a inquietude e o desejo de buscar conhecimentos mais sólidos em torno da História, da Arte e da Cultura africana, superando os limites atuais para proporcionar aos alunos os conhecimentos a que tem direito, por fazerem parte da história da humanidade e de nossa própria história, de nossas raízes e dos valores de nossa ancestralidade.

Cada imagem lida, interpretada e produzida deu testemunho de um universo simbólico inteiro a ser revelado, mesmo que timidamente, devido a nossa ignorância de seus significados, da falta de sistematização e escassez de repertório visual, histórico, antropológico, em que ainda nos encontramos.

Referências

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. 184 p.

BLAUTH, L. **Arte e ensino: uma possível educação estética.** Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1168/1067>. [Acesso em: 05/jul./ 2014].



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: http://www.sinprosp.org.ber/arquivos/especiais/LEI_No_10639.pdf. Acesso em 24 de setembro de 2012. BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 261 p.

MASON, R. **Arte-educação multicultural e reforma global**. Pro-posições - vol. 10 Nº 3. Novembro de 1999. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/>. [Acesso em: 08/ag./2011]

SALUM, M. H. L. **Por dentro e ao redor da arte africana**. Disponível em: http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/001/por_dentro_e_ao_redor.html [Acesso em: 10/set./2012].